

## Ensinoadolescentes a ensinar filosofia: apontamentos reflexivos<sup>7</sup>

Daniel Soczek<sup>8</sup>

### Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar algumas reflexões sobre o ensino de filosofia a partir de um minicurso ofertado a 20 estudantes de ensino médio, adolescentes, matriculadas no curso de formação de docentes de uma escola pública do Estado do Paraná. Este minicurso foi proposto e desenvolvido como uma das atividades integrantes do programa de formação continuada dos professores do Estado do Paraná (PDE) compreendendo o biênio 2012-2013. O texto traz uma discussão sobre o ensino de filosofia a partir das atividades desenvolvidas neste minicurso. Destaca aspectos que podem contribuir para a melhoria da práxis profissional docente do professor de filosofia com reflexos positivos nas práticas de ensino-aprendizagem. Conclui pela defesa da centralidade da pesquisa como elemento fundante e principal da *práxis* profissional educativa e aponta alguns de seus desafios contemporâneos.

*Palavras-chave:* Metodologia do Ensino de Filosofia, PDE, Pesquisa.

### Introdução

Resultado de um intenso processo histórico de lutas, a conquista recente da obrigatoriedade da presença da disciplina de Filosofia no currículo do ensino médio por força de lei (HORN, 2013) demanda análises e posicionamentos sobre o seu ensino que envolve enfoques diversos e complementares. É possível destacar, por exemplo, a importância e significado da formação dos estudantes (SEVERINO, 2010), aspectos metodológicos voltados à práxis docente (TESSER, HORN e JUNKES, 2012; KOHAN, 2012) ou ainda os fundamentos normativos e seus desdobramentos para o ensino de filosofia (RODRIGUES, 2012) dentre muitos outros olhares possíveis.

Neste artigo, o ensino de filosofia é tomado sob duas perspectivas pensadas de forma conjunta, integradas e interdependentes. A primeira, voltada para o professor que ministra a disciplina de Filosofia na especificidade de um curso de formação de docentes em nível médio e a segunda voltada para o estudante do curso de formação de docentes que irá trabalhar (ou já trabalha como estagiário) na educação infantil. Nesse sentido, o desafio desta reflexão abrange uma dupla dimensão do ensino de filosofia a partir do tratamento dialético da relação professor-estudante. A primeira dimensão está no incentivo e construção do

<sup>7</sup>Este texto é uma versão com poucas modificações de um trabalho apresentado para conclusão das atividades desenvolvidas no âmbito do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná, concluído em 2013.

<sup>8</sup>Professor da Rede Estadual de Educação do Paraná e do Grupo UNINTER. E-mail: danielsoczek@terra.com.br

pensamento filosófico com os estudantes. A segunda dimensão está no incentivo aos estudantes para construírem um pensamento filosófico em sua *práxis* profissional, no contexto da educação infantil, considerando ser possível o despertar do pensamento filosófico em crianças, como apontam os estudos teóricos de Lipman (TELLES, 1999) ou Benjamin (SCHLESENER, 2011), dentre outros.

Um dos elementos que une estas duas dimensões da *práxis* docente está na centralidade da pesquisa nos processos pedagógicos (DEMO, 1991). Ainda que as condições materiais e ideológicas não sejam favoráveis ao incentivo e manutenção das pesquisas no Brasil, percebem-se avanços nas políticas públicas nesse sentido como, por exemplo, o Decreto n. 6.755/2009 que:

[...] institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências.

Tais políticas são imprescindíveis, visto que, o distanciamento entre formação e atuação profissional (TREVISAN, 2011) precisa ser superado e a pesquisa, como fundamento da condição de ser professor, é uma instigante hipótese de resposta a esta demanda.

Frente a este quadro, a realização de uma formação continuada, sistemática e de qualidade, pautada pela pesquisa, é condição necessária e urgente. É preciso, constantemente, retomar a discussão sobre o ensino para que o professor não se transforme em simples “tarefeiro” (TARDIF, 2012). É preciso que, no cotidiano do exercício de suas atividades, o professor não se deixe aquebrantar pela redução fenomenológica e epistêmica de suas ações pedagógicas com reflexos por óbvio negativos quanto ao seu alcance e significado em toda sua *práxis* educacional.

Assim, considerando a importância das discussões sobre o ensino de Filosofia com vistas à (re)construção de referenciais teóricos que reforcem sua consistência e profundidade e de metodologias que melhorem a *práxis* docente, programas de formação docente continuados são sempre bem-vindos porque são necessários e quase sempre urgentes. No Paraná, dentre os vários programas de formação continuada para professores, cabe destaque para o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE no qual foi gestada e implementada a experiência pedagógica neste texto analisada. A atividade foi desenvolvida, dentro da disciplina de Filosofia, na linha de estudo “o ensino de filosofia: concepções, metodologias e o uso de textos clássicos”. A proposta de intervenção pedagógica na escola se deu em forma de um minicurso de metodologia do ensino de Filosofia para os estudantes do curso de formação de professores de uma escola da rede pública de ensino e a implementação desta atividade foi precedida de reflexões desenvolvidas ao longo do primeiro ano do afastamento das atividades de sala de aula como preconizado por este programa. Esta reflexão foi adensada pela participação viabilizada pelo programa, em eventos científicos e oficinas ofertadas pela Universidade Federal do Paraná e outras IES (Instituições de Ensino Superior)

e, posteriormente, discutida com 15 professores da rede pública que ministram aulas de filosofia a partir do Grupo de Trabalho em Rede – GTR<sup>9</sup>. Estes professores, participantes do GTR, leram o texto que expõe as bases teóricas e as explicações referentes ao desenvolvimento da implementação do minicurso proposto, construído sob o nome de *Produção Didático Pedagógica*. Em seguida, opinaram sobre o mesmo em termos de fundamentação teórica, desenvolvimento e avaliação. Alguns deles aproveitaram para aplicar parte da atividade proposta no minicurso de forma adaptada em suas aulas de filosofia, comentando os resultados que obtiveram e contribuindo para a melhoria do desenvolvimento da proposta de trabalho.

O objetivo deste texto, portanto, é relatar de forma breve a experiência do desenvolvimento e aplicação deste minicurso na escola, apontando elementos reflexivos sob os fundamentos epistemológicos que orientaram a formulação e implementação desta prática educativa. Assim, em um primeiro momento serão apresentadas algumas reflexões sobre a relação entre professor e os estudantes nos processos de ensino e aprendizagem. No segundo momento, será feita a apresentação da experiência pedagógica realizada seguida de uma reflexão crítica sobre a atividade desenvolvida. Espera-se, com os apontamentos deste artigo, compreender os reflexos, limites e possibilidades do minicurso oferecido no sentido de divulgar a experiência realizada. Seu intuito é contribuir para a discussão do ensino de filosofia além reafirmar a importância da oferta de formação continuada para os professores.

## Pressupostos do minicurso

De acordo com o site institucional do governo do Estado do Paraná,

o PDE é uma política pública de Estado regulamentado pela Lei Complementar nº 130, de 14 de julho de 2010 que estabelece o diálogo entre os professores do ensino superior e os da educação básica, através de atividades teórico-práticas orientadas, tendo como resultado a produção de conhecimento e mudanças qualitativas na prática escolar da escola pública paranaense (PARANÁ, SEED, 2013).

Fruto da luta pela melhoria na qualidade da educação ofertada no Paraná este Programa, inédito no Brasil em termos de proposta teórica e oferta de condições para sua realização (GABARDO; HAGEMEYER 2010), é disponibilizado a todos os anos aos professores concursados da rede pública de ensino com a oferta de 2.000 bolsas/ano, cuja seleção é feita por edital específico. As atividades deste programa desdobram-se por dois anos sendo que, no

<sup>9</sup>De acordo com o site da SEED/PR, os Grupos de Trabalho em Rede – GTR se caracterizam pela interação virtual entre os Professores PDE e demais professores da Rede Pública Estadual. Tal atividade tem como objetivos: “[...] possibilitar novas alternativas de formação continuada para os professores da Rede Pública Estadual; viabilizar mais um espaço de estudo e discussão sobre as especificidades da realidade escolar; incentivar o aprofundamento teórico-metodológico nas áreas de conhecimento, através da troca de ideias e experiências sobre as áreas curriculares; socializar o Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola elaborado pelo professor PDE com os demais professores da Rede” (SEED, 2013).

terceiro semestre de atividades, é exigido ao professor que desenvolva uma “intervenção pedagógica” na escola. A opção de intervenção em análise neste texto é a proposição de um minicurso sobre o ensino de filosofia direcionado aos estudantes do curso de formação de docentes. A proposição de um minicurso dessa natureza requer, para sua justificativa e fundamentação teórica, a memória de algumas reflexões sobre o ensino de filosofia e a centralidade da pesquisa na *práxis* educacional.

As questões atinentes ao que ensinar, como, quando e porque, cuja natureza filosófica lhes é inerente, possuem uma trajetória histórica crítico-discursiva que remonta há milênios. Proposições que, por exemplo, remontam à Grécia Clássica, como a de Sócrates, Platão ou Aristóteles registradas em textos como *A República* (PLATÃO, 1973) ou *Política* (ARISTÓTELES, 1997) já apontavam elementos/alternativas para pensar os significados do processo educacional. Em cada país e momento histórico subsequentes, que apresentam demandas específicas, propostas diversas foram sendo construídas e sustentadas por um caleidoscópio de ideologias não necessariamente convergentes. Hoje temos o desafio de pensar, no contexto de uma realidade hegemonicamente neoliberal, pautada pelas consequências do desdobramento daquilo que Adorno e Horkheimer (1985) denominaram de indústria cultural, os significados do ensino em uma sociedade que, tudo naturalizando, banaliza e destrói as relações humanas em dimensões diversas (BAUMAN, 2007). O desafio platônico-aristotélico de sair da caverna e construir uma sociedade melhor nunca foi tão premente e, uma reflexão sobre o ensino que aponte alternativas a este momento e movimento histórico, nunca se fez tão necessário.

Considerando o contexto histórico contemporâneo e as demandas a ele associadas, um dos pressupostos elementares das atividades desenvolvidas está em destacar a importância da pesquisa enquanto uma ação que viabiliza a emancipação dos sujeitos frente aos desafios do contexto contemporâneo. Parte-se do pressuposto de que, se a pesquisa não é incentivada, desenvolvida e construída como fundamento e objetivo do processo educacional, então este se torna indesejável já que se limitaria ao que Paulo Freire (1994) designou como “educação bancária”. A importância da associação entre pesquisa e reflexão permite o acesso a várias alternativas e possibilidades de visão de mundo e, consequente, a solução de problemas desenvolvendo um perfil cada vez menos dogmático e mais criativo pelo exame, comparação e questionamento (FREIRE, 1996). Esse movimento coloca a verdade na perspectiva da relação entre os sujeitos e o mundo e permite, por isso, aquilo que Deleuze e Guatarri (2000) consideram como fundamento da filosofia: a criação de conceitos.

Não podemos escapar ao fato de que, em princípio, se o professor e o estudante não se instituem/constituem como pesquisadores, adotando uma postura crítica reflexiva, a escola torna-se mera reprodução, podendo ser tomado este conceito em diversas perspectivas, como em Bourdieu (2004) ou Mézsaros (2008). É preciso que a pesquisa deixe de ser, seja no Ensino Superior e principalmente na Educação Básica, um apêndice metodológico e seja construída como fundamento de uma educação de qualidade. Considerando as perspectivas

acima que apontam alguns elementos que ajudam a pensar a realidade dos alunos e professores, a proposição de um minicurso que abordasse o ensino de filosofia, ainda que voltado aos estudantes secundaristas, requereu aos professores partícipes do GTR seu envolvimento com esta problemática de pesquisa.

É preciso considerar os mais diversos entraves ao processo formativo que compreende um arco que se estende dos limites burocráticos da lógica de organização das escolas até a ausência de condição financeira necessária para o desenvolvimento da formação continuada e da prática da pesquisa. A construção deste minicurso e sua implementação supõe a possibilidade de ajudar a pensar esta problemática no intuito de colaborar para o desenvolvimento de um processo pedagógico centrado na pesquisa e na reflexão crítica, considerando o uso das tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem e outras metodologias sem olvidar questões relativas à inclusão social. Esta reflexão, foco deste minicurso, permeada pelo destaque de experiências nos processos de docência, torna possível a análise de elementos que contribuam para a compreensão das tensões do cotidiano profissional e apontem para possíveis alternativas a médio e longo prazo para algumas das muitas dificuldades destes processos.

A filosofia, ao admitir a incompletude da condição humana bem como a mutabilidade dos valores sociais (MACINTYRE, 2001), propicia reflexões e aponta para a construção coletiva de alternativas aos dilemas da condição do professor baseada na indagação filosófica. Se admitida como correta esta tese da multiplicidade de valores e da incompletude da condição humana, a necessidade de uma formação continuada é uma demanda óbvia e urgente.

Se o fundamento e a necessidade de uma formação continuada nos parecem claros, os critérios de sua realização merecem questionamento constante visto que é necessário considerar os fundamentos materiais e simbólicos nos quais os humanos se inserem e reproduzem sua condição de existência em sociedade. Nunca podemos nos esquecer, nos passos de Gadotti (2005), que a formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa e ação. É fundamental, portanto, incentivar a descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção de conhecimentos, lembrando sempre das necessárias condições prévias e consequências de uma atividade desta natureza. Nesse sentido, fazemos coro com algumas ideias de Espinosa, apresentadas por Chauí, quando afirma que esse filósofo,

[...] dizia que a razão só inicia o trabalho do pensamento quando sentimos que pensar é um bem ou uma alegria, e ignorar, um mal ou uma tristeza. Somente quando o desejo de pensar é vivido e sentido como um afeto que aumento nosso ser e nosso agir é que podemos avaliar todo mal que nos vem de não saber. Pensar, agir, ser livre e feliz constituem uma forma unitária de viver, individual e politicamente. Ignorar, padecer, ser escravo e infeliz também constituem um modo unitário de existir. Por isso, escrevia Espinosa, não há instrumento mais poderoso para manter a

dominação sobre os homens do que mantê-los no medo e para conservá-los no medo, nada melhor do que conservá-los na ignorância. Inspirar terror, alimentar o medo, cultivar esperanças ilusórias de salvação e conservar a ignorância são as armas privilegiadas dos governos violentos (CHAUÍ, 1983, p. 57).

Assim sendo, não é aceitável reduzir os processos de ensino e aprendizagem a um conjunto de técnicas ou mera atualização de receitas pedagógicas resultantes de inovações tecnológicas. Os processos de ensino e aprendizagem se inscrevem num processo crítico-dialético, onde a mediação é central no processo (VIGOTSKY, 1989) e o despertar para atividade da pesquisa pode trazer um impacto profundo nas rotinas escolares como um todo, já que supera a divisão cartesiana dos conteúdos por disciplinas. Nesse sentido, a intenção desta proposta de intervenção pedagógica foi a busca de uma prática docente que inspire e aspire à autonomia dos sujeitos, ou seja, oportunize condições para uma melhoria do ensino convidando aluno e professor para a prática da pesquisa como fundamento de uma *práxis* pedagógica que responda coerentemente as demandas do mundo atual.

### Descrevendo a experiência

Como dito anteriormente, uma das exigências aos partícipes do PDE é a apresentação de uma proposta de intervenção pedagógica a ser desenvolvida na escola onde o professor concursado está lotado. O desenvolvimento desta atividade requer conhecimentos próprios da especificidade da disciplina na qual o professor atua e a compreensão de elementos de ordem metodológica para o bom desenvolvimento das atividades. A experiência aqui descrita teve como foco estudantes do curso de formação de docentes, adolescentes, no intuito de despertar neles o interesse pelo estudo da filosofia e a preocupação com o seu ensino com crianças em escolas de educação infantil.

A proposição do minicurso partiu de duas constatações básicas: Primeiro, a necessidade de promover no estudante secundarista e nos professores que participaram da discussão pelo GTR a condição de pesquisador não só de conteúdos mas, também, de sua prática educacional. Segundo, a necessidade de suprir a ausência, efetiva, de uma disciplina de metodologia do ensino de filosofia para os estudantes do curso de formação docente. Nesse sentido, foi proposta a oferta de uma oficina de ensino de filosofia conjugando uma reflexão sobre a importância da pesquisa e discussão de possibilidades de como trabalhar filosofia no ensino médio com vistas a discussão de metodologias a serem desenvolvidas na educação infantil a partir da linguagem do cinema e da música, sem esquecer que só é possível ensinar filosofia filosofando. Este trabalho foi realizado em conjunto com outra professora participante do PDE, da mesma escola, que trabalhou com práticas de inclusão social e tecnologias assistivas, o que intensificou substancialmente o caráter interdisciplinar da proposta.

Este minicurso recebeu o título de *Metodologia do Ensino de Filosofia e Tecnologias Assistivas*: a práxis do professor pesquisador, sendo realizado em quatro tardes, no contraturno, para 20 alunos do curso de formação docentes em nível médio, escolhidos por sorteio. Seu objetivo central foi a discussão metodológica do ensino de filosofia e práticas de inclusão social. No intuito de ajudar a pensar a construção de metodologias que colaborem para o desenvolvimento de um processo reflexivo centrado na pesquisa e reflexão críticas foram promovidas discussões e atividades considerando o uso de tecnologias assistivas e as questões relativas à inclusão social, com vistas à melhoria dos processos de ensino aprendizagem para estudantes da educação básica. Seus objetivos específicos abordaram três perspectivas:

- I. Incentivar a condição de pesquisador do professor e do estudante;
- II. Apresentar aos estudantes do curso de formação docente alguns materiais didáticos/recursos tecnológicos que podem facilitar o processo ensino aprendizagem na perspectiva do ensino da filosofia;
- III. Discutir e avaliar práticas pedagógicas com uso de tecnologias assistivas.

Este minicurso procurou, ao longo de seu desenvolvimento, contemplar itens como a sensibilização para a importância da ação docente tendo como pressuposto a pesquisa e apresentar considerações gerais sobre a importância e necessidade do ensino de filosofia para crianças. Além disso, trabalhou algumas possibilidades metodológicas para viabilizar tal procedimento associado ao uso de tecnologias assistivas.

O desenvolvimento das atividades partiu do conteúdo estruturante de Filosofia intitulado de *Teoria do Conhecimento* como apresentado nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná (SEED, 2008). A ideia foi, a partir desse conteúdo estruturante, pensar práticas reflexivas pautadas pela inclusão bem como despertar o interesse pela filosofia e seu ensino. Assim foram organizados quatro encontros: o primeiro teve como ementa a discussão sobre formação para a pesquisa além de ser apresentada uma reflexão de ordem histórico-legal sobre o atendimento aos indivíduos com necessidades educacionais especiais e educação inclusiva. No segundo encontro, foram discutidos alguns desafios ao professor contemporâneo no que tange às suas práticas educacionais focando algumas características (e como trabalhar) com crianças e adolescentes considerando o ensino de filosofia. No terceiro encontro, foram tratadas temáticas relativas ao uso das tecnologias assistivas na educação na perspectiva de pensar a inclusão digital pelo exercício da capacidade discursiva. Nesta ocasião, também foi apresentado aos alunos o filme *Black*, discutido na sequência sob vários prismas. No quarto e último encontro, foram discutidos novamente o uso das tecnologias na educação e o uso da música como recurso metodológico das práticas educativas sob uma perspectiva filosófica. Em todos os encontros, ponderações diversas sobre a filosofia e seu ensino foram discutidas e refletidas. Os conteúdos trabalhados foram disponibilizados aos estudantes em forma de apostila. Os encontros contaram, ainda,

com o depoimento de alguns alunos surdos-mudos, cujas experiências ajudaram a aprofundar algumas discussões das temáticas levantadas. Em todos os encontros sempre ocorreu a proposição de alguma atividade a partir das ações realizadas, sempre no intuito de transformar em prática as reflexões que ali se fizeram presentes.

Não obstante a alguns pequenos contratemplos, esta experiência pedagógica resultou num saldo positivo na medida em que seus objetivos foram alcançados, como podemos constatar nas reflexões que se seguem.

### **Refletindo a experiência**

A discussão sobre a volta ou início do ensino de filosofia na educação básica (GALLO; GRISOTO, 2013) nos remetem a análises e ponderações voltadas à formação do professor considerando questões, como por exemplo, sobre quem é o professor que atua em sala, que formação lhe compete ou qual metodologia utiliza. Parte-se da ideia de que estas discussões se iniciam a partir de um problema principal que se formula no seguinte enunciado: Como o ensino de filosofia pode ser tomado como um problema filosófico para além de uma abordagem pedagógica ou instrumental? É importante lembrar, como nos ensina Olbioso (2002, p. 117):

[...] O enfoque prático e a concepção que faz do professor não um simples instrutor, mas um pesquisador ou um produtor em sua disciplina [...] é compatível com as melhores tradições da educação filosófica, aquelas que não separam o professor do filósofo, ainda que não se pretenda que cada professor seja um Aristóteles.

Um apontamento desta natureza desencadeia um rol de reflexões sobre o que é ser professor de filosofia, sua identidade, seu contexto material de existência, entre outros. Nesse sentido, este minicurso foi importante para os professores da rede estadual de ensino por ajudar a refletir sobre perspectivas metodológicas diversas para o ensino da filosofia que podem ser apropriadas em diferentes séries. Para os estudantes, a reflexão sobre as possibilidades de trazer o debate filosófico para crianças pelo uso de algumas metodologias permitiu pensar e projetar práticas de ensino mais eficientes e eficazes. Convém lembrar ao atento leitor que um minicurso sobre o ensino de filosofia, de 20 horas, não tem a pretensão de esgotar uma discussão sobre o ensino de filosofia. Mas o apontamento com algum destaque de elementos que compõem este cenário maior das discussões sobre a filosofia e seu ensino ajuda a repensar a práxis pedagógica como foi observado em nossas interações tanto com os professores como com os estudantes secundaristas.

Durante o desenvolvimento das atividades, vários eventos merecem destaque. No primeiro encontro, por exemplo, quando se discutia a centralidade da pesquisa, algumas ponderações despertaram algum grau de curiosidade como por exemplo, a discussão do conceito de “comunidade de prática” (Prensky, 2010) e a concepção de pesquisa como prazer.

Nesse primeiro encontro, além de outras discussões, foi apresentada uma fala sobre alguns passos elementares para o bom desenvolvimento de uma pesquisa como por exemplo como delimitar seu objeto da pesquisa e como se constrói um objeto de aprendizagem. Uma sistematização desta natureza mostrou-se muito interessante na medida em que muitas questões sobre as práticas educativas vieram à tona. Não podemos deixar de registrar a importância da filosofia nestas discussões lembrando, por exemplo, a afirmação de Aristóteles (1991) de que a virtude intelectual é gerada e cresce graças ao ensino. Já no segundo encontro, foram feitos comentários sobre a condição dos jovens hoje, num mundo globalizado e marcado pelo frenesi de imagens e as dificuldades e possibilidades de pensar o ensino de filosofia neste contexto.

No terceiro e quarto encontro o foco esteve no uso de filmes e músicas como recursos metodológicos. Existem propostas interessantes tanto em termos de relatos de experiência com em termos de políticas públicas quanto a esta possibilidade metodológica. Está tramitando hoje no Congresso Nacional, por exemplo, o Projeto de Lei nº 185/08, de autoria de Cristovam Buarque, que estabelece a exibição de filmes brasileiros como componente dos currículos escolares, sendo sua exibição obrigatória por no mínimo duas horas semanais. A proposta é interessante, mas como fazer isso de forma a produzir algum bom/efetivo resultado? A ideia de usar filmes e música para o ensino não é nova, mas é pouco usada se considerados os necessários encaminhamentos metodológicos de uma atividade desta natureza. O que ocorre, em muitas circunstâncias, é o uso incorreto deste recurso que faz perdurar a imagem de que sua utilização é apenas uma forma de “ocupar o tempo quando não se tem nada a dizer”, como afirmaram alguns estudantes. Assim, é desejável criar uma cultura adequada de utilização destes recursos dado a pecha histórica negativa que tal atitude carrega. Como possibilidade de repensar a utilização de filmes, foi solicitado aos estudantes que fizessem uma atividade filosófica a partir da animação *Barbie em Vida de Sereia*, já que filmes desta natureza são constantemente usados nas pré-escolas quase sempre sem discussões com as crianças. A proposta de elaborar uma atividade a partir deste filme levando em conta questões como inclusão social e a discussão filosófica dos conceitos de permanência e mudança (Heráclito e Parmênides) resultou em algumas propostas de trabalho que, além de factíveis, apresentaram boa qualidade no sentido de estimular o pensamento filosófico enquanto uma reflexão crítica da realidade. Atividades realizadas nesta mesma perspectiva com músicas da Música Popular Brasileira – MPB como, por exemplo, *Como uma onda*, de Lulu Santos, e infantis (*Tomatinho Vermelho*, por exemplo) se demonstraram atividades interessantes e que também atingiram seus objetivos.

Dos relatos espontaneamente gerados pelos estudantes secundaristas durante o minicurso sobressai a percepção de que, quando o estudante começa a pensar filosoficamente, há uma grande tendência em projetar estas posturas em suas experiências práticas, tornando suas práticas de ensino mais eficazes e eficientes. Quando solicitado aos estudantes que apontassem alternativas de atividades considerando os pressupostos das discussões sobre

filosofia e seu ensino, as possibilidades de atividades apresentadas demonstraram a riqueza da criatividade que pode e deve ser explorada.

Se as discussões derivadas da atividade com os estudantes foi muito interessante e produtiva, o mesmo ocorreu em relação aos professores participantes do GTR. Toda proposição de uma experiência de pesquisa pressupõem objetivos claros para sua implementação e avaliação. Além do olhar de quem realiza a atividade, é importante também o olhar externo. Nesse sentido, algumas considerações deste texto são frutos de comentários informalmente realizados no decorrer do GTR. As reflexões ali realizadas apontaram justamente para a problemática de incentivar os estudantes ao pensamento filosófico. Entretanto, há que se considerarem as dificuldades do dia-a-dia gestadas nos conflitos derivados da liberdade em termos de atuação em sala de aula: com a liberdade vem a responsabilidade, a angústia, o desamparo e o desespero, como nos ensina Sartre (1978). Então, é preciso buscar alternativas ainda não exploradas, reconstruindo-nos continuamente na condição fenomenológica de nossa existência. É o caso, por exemplo, de desenvolver e utilizar espaços de colaboração em rede que poderiam auxiliar numa superação das dificuldades cotidianas do professor. O desafio está em transformar este diálogo em algo sistemático e permanente tanto em termos disciplinares (entre os professores de filosofia) como também na perspectiva interdisciplinar como os demais professores das outras disciplinas.

Das atividades e interações realizadas ao longo deste minicurso alguns elementos merecem, em trabalhos posteriores, uma reflexão mais adensada que convirjam para a melhoria constante das práticas de ensino de filosofia. É importante, por exemplo, uma utilização mais efetiva dos espaços disponibilizados pela SEED, como no caso do GTR. Estes fóruns de discussão poderiam ser permanentes e abertos a todos os interessados, a partir das atividades já disponibilizadas. Cabe lembrar que o ensino na modalidade em EAD se constitui, hoje, no grande desafio e promessa de uma formação continuada nos anos vindouros. Além disso, uma pesquisa de qualidade depende de uma discussão com os pares. Ações desta natureza contribuem para superação da reprodução de alunos copistas, sem autonomia, para uma condição de ensino mais qualificado, que permite um leque maior de possibilidades de escolhas a partir de uma visão mais ampla, profunda e diversificada de mundo.

### Considerações finais

Pensar o ensino da filosofia como um problema filosófico significa abandonar uma discussão instrumental do uso de recursos metodológicos adotados como receitas desprovidas de sentido baseados numa concepção do “fazer pelo fazer” – o mero produtivismo – que preenche o tempo mas não emancipa os sujeitos sociais. Requer, por isso, o comprometimento social com a educação. Significa compreender a prática da pesquisa não

como um adendo ao processo educacional, mas como um direito de cidadania, ou seja, como direito de produção de cultura, de produção de um discurso próprio e autônomo sobre si mesmo e a realidade. A atitude de pesquisador é um direito existencial. Além disso, não é possível esquecer a dimensão pública desse direito. É muito importante a existência e o exercício efetivo de políticas públicas que ofereçam as condições necessárias para uma formação continuada e de qualidade incentivando e permitindo o exercício da pesquisa. É o caso, por exemplo, da participação dos professores no PDE. Um programa como este, ao possibilitar um tempo de reflexão e um incentivo à construção e uso de metodologias que melhorem a ação dos professores na escola, melhora o sistema de ensino como um todo. Esta avaliação positiva do programa decorre, dentre outros, de resultados como os apresentados neste texto.

A proposta de um minicurso de ensino de filosofia demonstrou-se uma experiência exitosa e necessária tanto como uma forma do professor revisar sua prática pedagógica – o que foi atestado pelas discussões realizadas no âmbito do GTR – como também para os estudantes secundaristas que tiveram a possibilidade de experimentar e desenvolver uma proposta pedagógica de cunho filosófico como algo possível de ser trabalhado no âmbito da educação infantil. O aprofundamento das discussões de ordem epistemológica, conceitual e metodológica só ocorre mediante a pesquisa, que é movida pelo comprometimento pessoal e amparada por políticas públicas.

Das interações realizadas e com base na bibliografia estudada nestes quase 2 anos, sintetizamos um conjunto de três grandes desafios que, se superados ainda que parcialmente, podem contribuir de forma mais qualificada e pontual com as demandas da Filosofia e seu ensino. São eles:

- a) O desafio (com desdobramentos diversos nas esferas ideológicas e materiais) de transformar professores em pesquisadores e incentivar os estudantes a também serem pesquisadores;
- b) O desafio de pensar a condição da infância e da adolescência neste início de século XXI, no contexto da globalização neoliberal associado ao uso cada vez maior de tecnologias, na perspectiva da emancipação pelo fomento de um raciocínio filosófico;
- c) O desafio de enfrentar as questões atinentes à inclusão social nos processos educacionais como um compromisso ético.

A realidade exige, hoje, uma forma refletida de produção do conhecimento e uma redefinição dos sujeitos participantes dos processos pedagógicos na perspectiva de suas atividades colaborativas sem perder de vista as questões de inclusão social. A superação dos desafios acima é condição necessária e urgente para pensar o ensino de filosofia que contemple, de forma adequada, as demandas do mundo contemporâneo na perspectiva da formação omnilateral do ser humano.

Submetido em novembro de 2013.

Aprovado para publicação em março de 2014.

## REFERENCIAS

ADORNO, T W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1985.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Maria da Gama Kury. 3. ed. Brasília: Editora UnB, 1997.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2007.

BRASIL. **Decreto n. 6.755, de 29 de janeiro de 2009**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/Decreto/D6755.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Decreto/D6755.htm)> . Acesso: 01 nov.2013.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz, 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CHAUÍ, Marilena. O que é ser educador hoje? Da arte à ciência: a morte do educador. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). **O educador: vida e morte**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983. p. 51-70.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 23<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra. 1994.

GABARDO, C. V.; HAGEMEYER, R. C. C.. Formação docente continuada na relação universidade e escola: construção de referências para uma análise a partir da experiência do PDE/PR. **Educar em Revista**, Curitiba , n. 37, maio 2010 . Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602010000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 nov. 2013.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602010000200007>.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Curitiba: Positivo, 2005.

GALLO, S e GRISOTO A. A filosofia como disciplina escolar. In: **Revista do NESEF Filosofia e Ensino**. Expressões do filosofar e formação de professores. Curitiba. UFPR, vol. 2, nº 2, fev-maio, 2013, p. 5-19. Disponível em: <<http://www.nesef.ufpr.br/revista/ver-edicao.php?edicao=desafios-epistemologicos-e-politicos-da-filosofia-na-escola-basica>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

HORN, G. B. Filosofia, ensino e currículo: da legalidade à legitimidade. In: **Revista do NESEF Filosofia e Ensino**. Desafios epistemológicos e políticos da filosofia na escola básica. Curitiba. UFPR, vol. 3, n. 3, p. 49-89, jun-set. 2013.

KOHAN, W. O. & WUENSCH, A.M. (Org) **Filosofia para crianças**: a tentativa pioneira de Matthew Lipman. Vol. I, Petrópolis: Vozes, 2000.

MACINTYRE, A. **Depois da virtude**. São Paulo: EDUSC, 2001.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

OBIOLS, G. **Uma introdução ao ensino de filosofia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: DIFEL, 1973.

RODRIGUES, Z. A. L. O ensino da Filosofia no Brasil no contexto das políticas educacionais contemporâneas em suas determinações legais e paradigmáticas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 46, dez. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602012000400006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000400006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 nov. 2013.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SCHLESENER, A. H. Educação e infância em alguns escritos de Walter Benjamin. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 48, abr. 2011. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2011000100015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000100015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 dez.2012.

**SEED. Programas e projetos - PDE - programa de desenvolvimento educacional.** Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

**SEED. Diretrizes curriculares da educação básica – filosofia.** Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_filo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_filo.pdf)>. Acesso em : 01 nov.2013.

**SEED. GTR – Grupo de trabalho em rede.** Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=503>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

SEVERINO, A. J. Formação política do adolescente no ensino médio: a contribuição da Filosofia. **Pro-Posições**, Campinas , v. 21, n. 1, abr. 2010 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072010000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072010000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 nov.2013.

**TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2012.

**TELES, M. L. S. Filosofia para crianças e adolescentes.** Petrópolis: Vozes,1999.

TESSER, G. J.; HORN, G. B.; JUNKES, D. A Filosofia e seu ensino a partir de uma perspectiva da teoria crítica. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 46, dez. 2012 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602012000400009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000400009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 nov. 2013.

TREVISAN, A. L. Filosofia da Educação e formação de professores no velho dilema entre teoria e prática. **Educar em Revista**, Curitiba , n. 42, dez. 2011 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602011000500013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000500013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 nov. 2013.

**VIGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1989.